

Entrevista a Tatiana Macedo:

“O *aparente* à-vontade é resultado de muito trabalho.”



Fotografia da exposição *Orientalism and Reverse*



Tatiana Macedo licenciou-se em Fine Arts na Central Saint Martins College of Art and Design, University of Arts, Londres e foi a vencedora do prémio Sonae Media Art em 2015. É uma das artistas portuguesas mais auspiciosas da actualidade. O seu trabalho desdobra-se em diferentes tipos de *media*: fotografia, vídeo, cinema e texto. No passado dia 26 de Maio, Tatiana Macedo apresentou dois livros no Museu Nacional de Arte Contemporânea – Museu do Chiado: *What is Unspoken – The Dialogue between you and these Disparate Elements* e *Orientalism and Reverse*. Através destas páginas, a autora dá a conhecer uma obra complexa e intercontinental, que não conhece fronteiras, e que a – e nos – faz circular à procura mais de interrogações do que de respostas. Um olhar crítico sobre o actual estado do mundo que precisa de ser descoberto.



Fotografia da exposição *Bela*

O teu trabalho é de uma extraordinária riqueza multimediática (cinema, vídeo, fotografia, instalação...), circulando entre diferentes modelos expositivos, em sala, em museu, em livro, com um à-vontade notável. Concedes o teu trabalho a partir do seu suporte de registo e exibição (“o meio é a mensagem”) ou é o contrário, isto é, a ideia é que te indica o suporte mais justo (“a mensagem é o meio”)?

O “aparente” à-vontade é resultado de muito trabalho, muitas horas a experimentar, a olhar para os objectos e para os espaços, a experimentar tamanhos, luzes, durações, tons, distâncias... com o intuito de perceber o que é que essas escalas, essas distâncias, essas durações, essas relações com o espaço e com o corpo suscitam e de que forma dialogam com o conteúdo exposto. Depois é nesse diálogo que surge a obra. Estamos obviamente a falar da exposição enquanto obra e dessas tomadas de decisão que fazem parte do processo de pensar não só o “objecto” criado como o aparato com/em que é apresentado, e questioná-lo a ele também.



Retrato de David, Vigilante de Museu

No teu livro *What is unspoken* incluíste várias imagens relativas ao teu filme *Seems so Long Ago, Nancy*, obra sobre os vigilantes dos museus da Tate Britain e Tate Modern, em Londres. Misturas nas páginas do livro *stills* extraídos do filme com fotografias dos mesmos locais e pessoas. Como instauras esta relação entre a fotografia e o cinema? Ou melhor, o que é que o teu olhar fotográfico tem ensinado ao teu olhar cinematográfico e vice-versa?

Enquanto estava a fazer este filme, aprendi que não consegui fotografar e filmar ao mesmo tempo ou no mesmo dia, ou alternar entre um e outro (filmar e fotografar) com rapidez. São duas formas de olhar distintas, duas formas de trabalhar distintas também. Aprendi as diferenças. A fotografia veio primeiro na minha prática artística, logo posso aferir que, no mínimo, me foi útil para pensar enquadramentos e intuir que algo vai acontecer, e estar preparada para quando acontecer (estou a falar de não-ficção).



Edifícios de Hong Kong

A tua obra viaja pelo mundo, concentrando-se naquele que é hoje um dos principais pólos do chamado “capitalismo selvagem”: a China. O teu olhar revela uma forte consciência crítica dos lugares, das coisas e das pessoas no mundo. É uma das palavras-chave, a meu ver, que consta do teu livro: *awareness*. Perguntava-te se essa *consciência* do mundo é preparada com reflexão, estudo prévio, leituras, entrevistas e viagens de exploração ou nasce do confronto intuitivo da tua câmara com os assaltos imprevistos da experiência.

São as duas coisas. Não podem ser separadas uma da outra. Leio e estou atenta, estou atenta e leio. Capto imagens fotográficas e fílmicas daquilo que me rodeia, não procuro nada em especial, estou nos lugares e vejo, com atenção, o que está ali à minha frente. Ver aqui tem o sentido de enquadrar/captar segundo um ponto de vista. E aí, eu enquadro e monto segundo a “consciência” que tanto a experiência como os livros, os filmes, a cultura e o conhecimento me dão.



Biblioteca em Pequim

Encontro a dimensão mais fortemente provocadora do teu trabalho numa alternância, recorrente na tua obra fotográfica e videográfica, entre o muito grande e o muito pequeno. O muito grande como muito pequeno e vice-versa. Os gestos monumentalizados dos vigilantes do museu em *Seems so Long Ago, Nancy*. A paisagem miniaturizada (quase como se fosse um diorama) de uma biblioteca em Pequim em 1989. Os cortinados do autocarro turístico em *Orientalism and Reverse* e a selva urbana, composta de altos arranha-céus, em Hong Kong.

O teu trabalho recente, *Bela*, procede a uma ampliação impressionante de fotografias da tua tia Isabel em Angola, mas elas continuam a ser isso: retratos intimistas extraídos de um álbum privado, uma, diria assim, “pequena memória” pessoal. É algures por aqui que se instaura a dialéctica do teu olhar ou a “redução” é apenas um modo de lidar com a extensão e alturas do que nunca se chega a conhecer, o “unspoken” de uma realidade que necessariamente te/nos escapa?

Eu estou interessada em provocar o pensamento e pensar também passa por sentir. Talvez a minha prática se traduza em pensamento-acção pois materializa-se com aquilo que disseste e todas as outras linguagens plásticas que uso, como a “coreografia” e o som, mas parte primeiro de uma experiência, vivência-pensamento-acção-vivência-pensamento. Pensar também é físico e requer mudanças de posição em relação a algo, e mudanças de distância. Talvez o grande “motor” (não gosto de falar de temas porque não me movo por temas), o que me move é ver uma desumanização constante em tudo, e tentar resistir a isso. Se de um dia para o outro se instaurar uma Guerra Nuclear, as nossas prioridades vão mudar automaticamente. Se de um dia para o outro tiver que me atirar ao mar num bote com outras centenas de pessoas, de que me vale viver num mundo pós-internet? Afinal qual é a utopia? De quem? Onde? A utopia para uns é ter água potável, para outros é a Europa, os Estados Unidos... para outros é um avatar, uma realidade virtual, um pós alguma coisa que serve de escape do agora.

[Luís Mendonça](#), 22 de Agosto de 2017.

Disponível na Internet:

- <https://www.ipflinhadotempo.pt/pdf/2017-entrevistatatianamacedo.pdf>